

## Maio / 2019

### **INTERNACIONAL**

#### **EUROPA**

Foi confirmado em 0,4%, o crescimento econômico da zona do euro, no primeiro trimestre de 2019, em relação ao último de 2018. No acumulado de 12 meses o avanço do PIB foi de 1,2%, conforme a última estimativa da agência Eurostat.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 7,7% em março, recuou para 7,6% em abril, o menor índice desde agosto de 2008.

Quanto à inflação do consumidor, depois de ter registrado um avanço anual de 1,7% em abril, desacelerou para 1,2% em maio, mais do que o esperado, se distanciando da meta de 2% do BCE.

Em sua reunião no início de junho, o BCE manteve inalterada, em 0% a taxa de refinanciamento e em -0,40% a taxa de depósito dos bancos e afirmou que a instituição prevê manter suas principais taxas de juros nos níveis atuais por um período mais longo, até o final do primeiro semestre de 2020, devido a incertezas prolongadas.

#### **EUA**

A economia norte-americana avançou 3,1%, anualizado, no primeiro trimestre de 2019 em relação ao trimestre anterior, conforme nova estimativa do Departamento de Comércio do país. No entanto, grande parte desse ganho decorreu de fatores temporários que irão se diluir, deixando o crescimento mais lento no atual trimestre.

A criação de vagas de trabalho não agrícola em maio de 2019 foi de 75 mil novos postos, quando a expectativa era de 180 mil. A taxa de desemprego, que era de 3,6 em abril, se repetiu em maio, o menor patamar desde dezembro de 1969.

Em sua última reunião no início de maio, o FED manteve na faixa entre 2,25% e 2,50% a taxa básica de juros e afirmou que pretende mantê-la nesse patamar por algum tempo.

No decorrer do mês, ganhou novos contornos a “guerra” comercial com a adoção de novas tarifas pelos EUA sobre produtos importados da China e a represália chinesa sobre produtos americanos.

#### **ÁSIA**

Na China, em abril, a indústria, o varejo e os investimentos desaceleraram as suas taxas de crescimento, o que levou os economistas locais a esperarem que o governo aumente os esforços para ajudar a estabilizar a economia doméstica em meio ao aumento das tensões comerciais com os EUA.

Já a economia japonesa surpreendeu ao ter crescimento de 2,1% anualizado do PIB do primeiro trimestre deste ano, frente ao último do ano anterior, apesar do polêmico aumento no imposto sobre o consumo.

## MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 2,51% a.a. no final de abril, terminaram maio com rendimento de 2,14% a.a. Já os títulos emitidos pelo governo britânico rendiam 0,88% a.a., enquanto os emitidos pelo governo alemão, por sua vez, fecharam o mês de maio com rendimento negativo de 0,20%. Paralelamente, no mês, o dólar se valorizou 0,41% perante o euro e se desvalorizou 2,81% e perante o yen.

Já as bolsas internacionais tiveram em maio um mês de fortes quedas. Enquanto a bolsa alemã (Dax) caiu 5,00% e a inglesa (FTSE 100) 3,46%, a do Japão (Nikkei 225) recuou 7,45% e a americana (S&P 500) 6,58%. No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent caiu no mês 11,41%.

## NACIONAL

### ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

Conforme o IBGE, o PIB brasileiro recuou 0,2% no primeiro trimestre de 2019, frente ao último de 2018. Na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior a alta foi de 0,5%. O setor agrícola teve contração de 0,5%, o industrial de 0,7% e o de serviços teve avanço de 0,2%.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 12,7% no trimestre encerrado em março, caiu para 12,5% no trimestre encerrado em abril. Cerca de 13,2 milhões de pessoas estavam sem trabalho.

### SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 6,6 bilhões em abril, comparativamente a superávit de R\$ 2,9 bilhões em abril do ano anterior.

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 389,5 bilhões (5,60% do PIB) e o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 485,1 bilhões (6,98% do PIB) no mesmo período.

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou em fevereiro R\$ 5.479 trilhões (78,8% do PIB).

### INFLAÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), depois de ter registrado alta de 0,57% em abril, subiu apenas 0,13% em maio, com os preços dos alimentos dando a maior contribuição para o índice baixo. No ano acumulou variação de 2,22% e em doze meses de 4,66%, acima do centro da meta do Banco Central, que é de 4,25%.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), subiu 0,15 em maio, após ter subido 0,60% em abril. No ano acumulou alta de 2,44% e de 4,78% em doze meses.

## **JUROS**

Em sua reunião no início de maio, o Copom manteve novamente a taxa Selic no seu piso histórico de 6,5% ao ano. Na ata da reunião, o BC apontou o possível recuo do PIB no primeiro trimestre e que a inflação de doze meses deve atingir um pico no curto prazo e depois recuar.

## **CÂMBIO E SETOR EXTERNO**

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de maio cotada em R\$ 3,9407, com uma desvalorização de 0,12% no mês.

Em abril, as transações correntes, apresentaram déficit de US\$ 62 milhões, acumulando em doze meses saldo negativo de US\$ 13,7 bilhões.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos – IED apresentaram um ingresso líquido de US\$ 7,0 bilhões em maio e acumularam US\$ 92,5 bilhões em doze meses. As reservas internacionais eram de US\$ 383,8 bilhões no final do mês.

A Balança Comercial, por sua vez, teve em maio de 2019 um superávit de US\$ 6,42 bilhões, e no ano acumula superávit de US\$ 22,80 bilhões.

## **RENDA FIXA**

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de abril acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA), com alta de 8,55%, seguido do IMA-B 5+, com alta de 5,20% e do IMA-B, com alta de 3,66%.

## **RENDA VARIÁVEL**

Para o Ibovespa, maio foi um mês de alta, enquanto o mundo todo teve queda. A alta foi de 0,70% acumulando, em doze meses avanço de 25,62%. Foi a primeira vez que o Ibovespa encerrou um mês de maio no azul, em nove anos. O índice encerrou o mês em 97.030 pontos.

## **PERSPECTIVAS**

### **MERCADO INTERNACIONAL**

E a disputa comercial entre os EUA e a China, principalmente, ganhou novos contornos e um tom mais agressivo. Espera-se que após a próxima reunião do G-20, no final de junho no Japão, um acordo possa ser alcançado. Enquanto isso os efeitos da disputa já atrapalham o crescimento mundial e caso afete os investimentos um corte nos juros pode ser promovido pelos bancos centrais dos EUA e da zona do euro.

### **MERCADO NACIONAL**

No Brasil as atenções continuarão totalmente voltadas para o rito de aprovação da reforma da Previdência, com o mercado se comportando ao sabor das notícias do seu andamento. Com a inflação baixa e a economia fraca, muito se especula sobre uma possível redução da taxa básica de juros, muito embora o presidente do BC tenha dito que usar os juros para combater a fraqueza da atividade já foi feito no passado, com resultados muito ruins.

Em relação às aplicações dos RPPS, aconselhamos o investimento de 25% dos recursos em fundos de investimento em títulos públicos que possuem a gestão do duration, produto a ser acompanhado com a devida atenção por conta das posições assumidas pelo gestor.

Para os vértices médios (IMA-B 5, IDkA 2A e IRF-M Total) recomendamos uma exposição de 30% e para os vértices de curto prazo, representados pelos fundos DI, pelos referenciados no IRFM-1 e pelos CDB's a alocação agora sugerida é de 15%.

Permanece a recomendação de que, com a devida cautela e respeitados os limites das políticas de investimento e as exigências da nova resolução editada pelo CMN, é oportuna a avaliação de aplicações em produtos que envolvam a exposição ao risco de crédito (FIDC e FI Crédito Privado, por exemplo).

Quanto à renda variável, recomendamos uma exposição máxima de 30%, por conta da melhora da atividade econômica neste ano, que já se reflete em um melhor comportamento dos lucros das empresas e, portanto, da Bolsa de Valores e também pelo fato da importância do produto como fator de diversificação de portfólio, em um momento em que as taxas de juros dos títulos públicos não mais superam a meta atuarial.

Para a alocação em fundos multimercado a nossa sugestão é de 10% dos recursos e de 2,5% a alocação em FII e FIP, respectivamente, dada a pouca disponibilidade de produtos no mercado enquadrados para os RPPS. Para o investimento em ações, a nossa recomendação é de 15% dos recursos, tendo-se em vista o potencial de crescimento das empresas neste e nos próximos anos, como já dissemos, em uma conjuntura de baixa inflação e taxas de juros nas mínimas históricas. Muito embora ainda esteja no campo das expectativas, a implementação das reformas estruturais demandadas pelo mercado em muito também poderão influenciar o comportamento positivo das ações, no futuro.

Para aqueles clientes que já contam com investimento de 5% tanto em FII, quanto em FIP, recomendamos que o teto de investimento em ações se mantenha em 10%.

Por fim, cabe lembrarmos que as aplicações em renda fixa, por ensejarem o rendimento do capital investido, devem contemplar o curto, o médio e o longo prazo, conforme as possibilidades ou necessidades dos investidores. Já as realizadas em renda variável, que ensejam o ganho de capital, as expectativas de retorno devem ser direcionadas efetivamente para o longo prazo.

Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	70%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture) *	0%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	30%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	15%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	15%
Multimercados	10%
Fundos de Participações**	2,5%
Fundos Imobiliários **	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	0%

\* Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.

\*\* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição de 15% aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.